



A pureza de coração e a caridade perfeita: a espiritualidade dos monges do deserto segundo João Cassiano

The purity of heart and perfect charity: the spirituality of the monks of the desert by John Cassian

Renato Kirchner, Robison Moreli Amadeu*

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP, Brasil

Resumo

O presente artigo coloca-se como objetivo acompanhar e entender a espiritualidade desenvolvida e vivida pelos monges do deserto. Nossa escolha recai sobre os escritos de João Cassiano, na medida em que desempenhou uma forte influência na tradição monástica posterior, particularmente no que diz respeito aos exercícios espirituais praticados pelos monges do deserto. Nas práticas necessárias para se alcançar o estado de pureza almejado pelos monges, é fundamental compreender a temática da oração que, sob diversas maneiras, desempenhou uma importância no desenvolvimento espiritual monástico e os caminhos que levavam os monges a almejar a pureza do coração e a caridade perfeita. Também procuraremos fazer uma releitura da apropriação de escritores contemporâneos sobre a espiritualidade do deserto, particularmente de Anselm Grün e Henri Nouwen.

Palavras-chave: Espiritualidade monástica. Caridade perfeita. Oração do coração. João Cassiano.

*RK: Doutor em Filosofia, e-mail: renatokirchner00@gmail.com

RMA: Graduado em Filosofia, e-mail: robson_amadeu@hotmail.com

Abstract

This article aims to follow and understand the spirituality developed and lived by the desert monks. Our choice rests on the writings of John Cassian insofar as he had a strong influence on the later monastic tradition, particularly with regard to the spiritual exercises practiced by the desert monks. In the practices necessary to attain the state of purity sought by the monks, it is fundamental to understand the theme of prayer which, in various ways, played an important role in the monastic spiritual development and the ways in which the monks aimed at a purity of heart and clarity perfect. We will also attempt to re-read the appropriation of contemporary writers on desert spirituality, particularly Anselm Grün and Henri Nouwen.

Keywords: *Monastic Spirituality. Perfect Charity. Pray of the Heart. John Cassian.*

Introdução

As obras de João Cassiano (360-435) têm despertado um crescente interesse pelos estudiosos nos últimos tempos. O pensamento de João Cassiano é o prolongamento do pensamento de mestres que o precederam, baseado na Escritura e na tradição viva dos pais e mães do deserto. Em seus escritos nota-se o influxo de Basílio, Jerônimo, Crisóstomo e, particularmente, de Evágrio Pôntico (346-399) que, na juventude, viveu mais de dez anos entre os monges da Palestina e do Egito. Em seguida, esteve em Constantinopla, Roma e Marselha, onde fundou, por volta de 415, um mosteiro de homens e um de mulheres. Presume-se ter sido nesta época que redigiu as *Instituições dos monges* e *Conferências com os pais*, obras em que abundam pormenores concretos da vida dos monges e anacoretas do Egito (BORRIELO, 2003, p. 207-210; MCGINN, 2012, p. 216-235; LACARRIÈRE, 2013, p. 101 e 214-215). Numa longa estadia no Egito, entre os anos de 380 a 400, João Cassiano e Germano visitam cenobitas e anacoretas. Suas conversas com diversos pais foram colocadas por escrito em latim fluente, tendo contribuído para a propagação do monaquismo cristão no Ocidente. João Cassiano é mestre por excelência

dos caminhos ascéticos e místicos, oferecendo em sua doutrina um manancial que jorra para a vida eterna. Os grandes fundadores, São Bento, São Domingos, São Bernardo de Claraval, Santa Teresa de Ávila, inspiraram-se em seus escritos e recomendaram sua leitura.

De acordo com João Cassiano, o fim de todo o monge é a pureza de coração. Este estado só será alcançado caso este persevere em oração continuamente. Este místico apresenta algumas atitudes e disposições que a pessoa orante deve seguir, a fim de melhor alcançar um estado de espírito que proporcione a oração perfeita. Dessa forma, ele apresenta os vícios, as paixões e as preocupações que devem ser transformadas, bem como as virtudes a serem exercitadas.

Além disso, enumera tipos de oração que indicam ao monge uma caminhada espiritual que culmina na oração ardente, na prece perfeita. Esta, todavia, já não é mais obra da vontade, mas é o Espírito rezando com Deus. Por isso, João Cassiano destaca: “A alma, iluminada pela infusão daquela luz celeste, não exprime tal oração como a linguagem humana e sempre limitada, mas, unificados todos os sentimentos, derrama-a abundantemente como de uma fonte borbulhante e dirige-a de modo infável para Deus, exprimindo tantas coisas naquele brevíssimo instante, que a própria alma, uma vez voltada a si, não pode facilmente enunciá-las ou recordá-las” (CASSIANO, 2008b, p. 50). Nesta experiência única de oração ardente, João Cassiano chega ao cume da oração e atinge a mística, a vida em Deus.

A influência de Evágrio Pôntico no caminho espiritual de João Cassiano

Um grande mestre do deserto que elaborou uma doutrina para o combate dos vícios e pensamentos pecaminosos e influenciou de forma intensa o pensamento de João Cassiano foi Evágrio Pôntico (BORRIELO, 2003, p. 393-394; MCGINN, 2012, p. 314-327; LACARRIÈRE, 2013, p. 215 e 245). As controvérsias origenistas, porém, levaram Cassiano a não citar Evágrio Pôntico em suas obras, substituindo cuidadosamente toda expressão que poderia evocar o vocabulário evagriano por outras, geralmente com matrizes bíblicas. Segundo Anselm Grün, o encontro

consigo mesmo leva o monge ao contato com os pensamentos e sentimentos do próprio coração (GRÜN, 2014, p. 65-80).

Para Evágrio Pôntico, o caminho espiritual consiste na luta contra as paixões e vícios que assolam a alma, a fim de que o monge alcance o chamado estado de *apatheia*, ou, na linguagem de Cassiano, na pureza de coração, de liberdade interior. “Segundo Evágrio, a alma é saudável quando ela entra em harmonia consigo mesma, quando está preparada para o amor” (GRÜN, 2014, p. 65-68).

É necessário que o monge vigie e observe seus pensamentos constantemente, desde a intensidade até a frequência com que aparecem. Isso é importante para se familiarizar com os demônios que os causam e, a partir disso, derrotá-los com práticas ascéticas. Conhecer o inimigo e seus pontos fracos é essencial para lhe aplicar golpes certos e fatais. Os padres do deserto não tinham medo dos demônios e os enfrentavam diariamente.

João Cassiano investiga de forma primária a finalidade da vida eremítica. Para ele como para grande parte dos místicos daquele período, há um referencial que motiva o homem a assumir um estilo tão radical para sua existência: Jesus Cristo. Assemelhar-se a Deus é o grande desafio e a meta do monge. Alcançando este modo de ser, certamente o monge permanecerá unido Deus e assumirá sua condição de filho e herdeiro do Reino dos Céus, ou seja, tornar-se guardião de valores divinos e revelará o rosto de Deus àqueles que o procuram.

Dessa maneira, estar junto de Deus e participar de seu reinado aqui na terra devem ser os desejos mais profundos do monge. Os olhos e o coração precisam mirar e ambicionar a todo tempo esta tão grande graça. Assim sendo, o monge obterá a motivação necessária para enfrentar alegremente todos os desafios advindos da realidade mundana e transitória na qual está inserido. Encontramos isso nos escritos de João Cassiano: “Quem deseja seriamente alcançar o ápice de alguma arte, deve ter sempre ante os olhos essa meta, pois, só assim suportará, de bom grado e sem revolta, todos os trabalhos, perigos e prejuízos com o coração tranquilo e feliz” (CASSIANO, 2011, p. 20).

Todavia, essa busca espiritual do monge só será eficaz caso ele trilhe um caminho específico. Não basta almejar o tesouro, é preciso empenhar-se e trabalhar para conquistá-lo. Grandes lutas serão travadas e uma

vida marcada pela disciplina e pela oração será necessária. E qual seria este caminho? “Para Cassiano [...], o ‘scopos’ é a purificação do coração. Sem pureza do coração o reino de Deus não pode estabelecer-se em nós” (LELOUP, 2004, p. 84).

Retirar-se para o deserto, levar uma vida marcada pelo silêncio, pela solidão, pela ascese e pela oração contínua são vias percebidas pelos monges como possibilidades para alcançarem essa preciosa vida em Deus. É o que podemos ler nesta passagem do livro de Anselm Grün intitulado *Pureza de coração: caminhos para a busca de Deus no antigo monarquismo*: “Pureza de coração é, antes de mais nada, pureza de vontade. Consiste na disposição de fazer unicamente a vontade de Deus” (GRÜN, 2016, p. 15).

Este estado promove no monge a serenidade interior visto que ele é resultado de um longo combate espiritual no qual reina a vitória das virtudes e graças sobre os demônios e vícios. Trata-se, portanto, de um constante pensar em Deus. Dispersões, pensamentos mundanos e paixões não conseguem perturbar a alma do monge puro interiormente, pois ele possui somente espaço e abertura para Deus.

Certamente, trata-se de um estágio espiritual avançado, pois a luta contra os vícios é longa e os pensamentos impuros sempre retornam com o objetivo de desviar o monge de uma vivência íntegra.

Entretanto, há um momento em que a vitória é total e, consequentemente, a pureza de coração ganha firmeza e durabilidade. Neste estágio, o monge está livre para amar verdadeiramente. Mas “só pode amar quem venceu seus vícios e tornou-se livre para Deus” (GRÜN, 2016, p. 18). Todos os exercícios ascéticos dos monges e o ato de lidar com os pensamentos têm como finalidade alcançar a pureza de coração. João Cassiano é muito enfático a este respeito:

É, portanto, visando à pureza de coração que tudo devemos fazer e desejar. Por ela, é necessário que abracemos a solidão, suportemos os jejuns, as vigílias, os trabalhos, a nudez; que nos dediquemos à leitura e à prática das outras virtudes, tendo como intuito, exclusivamente, conservar nosso coração invulnerável a qualquer paixão, fazendo-o galgar todos esses degraus, até que atinja a perfeição da caridade (CASSIANO, 2011, p. 26).

A busca da pureza de coração pela ascese

A ascese é a prática de exercícios austeros que os padres do deserto utilizavam com o objetivo de se desenvolverem espiritualmente. Segundo Anselm Grün, “ascese significa luta contra os demônios, contra os vícios, contra os pensamentos, esforço pela pureza de coração, serviço militar como soldado de Cristo” (GRÜN, 2016, p. 29). Por exemplo, “jejum, vigílias noturnas, trabalho manual duro e penoso, austeridade em relação ao corpo e as suas necessidades, leitura, oração do saltério, meditação, *ruminatio* (ruminação), observação da Escritura, conservar-se na cela, ter diante dos olhos a morte, lamentar os próprios pecados e outros mais” (GRÜN, 2016, p. 22). São ferramentas para purificar o coração e para se chegar à contemplação de Deus.

Cassiano afirma a necessidade de se aprender este ofício espiritual. Assim como se faz no trabalho manual, por exemplo, no qual a prática torna o aprendiz mais hábil, deve-se fazer na dimensão espiritual. A ascese, dessa forma, é um instrumento para educar a alma a fim de que esta permaneça constantemente em oração e na presença de Deus:

[...] a ascese não é um fim em si mesmo. É meio que prepara a alma para, sem mesquinha, nada reservar para si e tudo entregar ao Cristo como num sacrifício de holocausto onde não se poupa nada da vítima, mas tudo é oferecido, consumido numa doação total (SILVA, 2014, p. 120).

Porém, diante de tantas práticas, é preciso que o monge tenha um bom autoconhecimento para aplicar aquelas que sejam eficazes na caminhada espiritual. Podemos comparar isso pelo modo como algumas pessoas acabam tendo desenvoltura num determinado instrumento musical. Enquanto alguns possuem mais facilidade para lidar com o violão, outros têm mais facilidade com o piano ou ainda com o violino, por exemplo. Todavia, não é o tipo de instrumento exercitado que é o mais importante, mas a musicalidade propriamente dita.

Assim, na busca de vencer os vícios, alguns monges terão sucesso utilizando o jejum ou a leitura do saltério, enquanto outros alcançarão seus objetivos pela meditação, pela “ruminação” (*ruminatio*) e pela leitura

e observação das Escrituras. Por isso, é preciso que o monge se descubra e conheça cada vez mais em seus vícios e fraquezas e esteja disposto a exercitar-se neles. Assim, saberá quais vícios assolam sua personalidade e quais os remédios que podem curá-lo dos obstáculos que impedem de alcançar sua meta.

A natureza dos vícios e de como vencê-los

João Cassiano elenca oito principais vícios dos quais todos os outros provêm e separa-os em três grupos. O grupo da cobiça é constituído pelos vícios da gula (comida), da luxúria (sexualidade) e da cobiça (posses). Para vencê-los, o monge deve utilizar armas como a ascese, o jejum e esmola. Ao âmbito emocional do ser humano, João Cassiano relaciona os vícios da tristeza, da cólera e da acídia. Por fim, na esfera espiritual são destacados os vícios da soberba e da vanglória.

É importante ressaltar que estes instintos são simultaneamente caminhos para o pecado e para uma vida em Deus. Como eles serão exercitados depende do domínio que o monge possui sobre eles. Por isso, seguindo a doutrina de Evágrio Pôntico, João Cassiano reforça a importância de uma vida regrada e disciplinada.

A *gula* consiste no “medo de passar fome e de não possuir mantimentos e medicamentos suficientes e, ainda, como o medo de ficar doente através da ascese” (GRÜN, 2014, p. 71). É preciso aprender a saborear. Aquele que consegue apreciar o alimento e o consome na medida correta, consegue também saborear a vida, a cela, a ascese e Deus.

A *luxúria* caracteriza-se pela cobiça do corpo. Com efeito, a sexualidade pode tornar-se uma grande fonte de energia espiritual. Contudo, é preciso ter cuidado com as aparências. Normalmente uma vida sexual desenfreada costuma estar ligada a frustrações. Essa condição não permite uma união íntima e experiências de êxtase com o amado, isto é, com Deus, uma vez que sem a dimensão do amor e da entrega total ao outro, a sexualidade resume-se apenas à satisfação do desejo e do impulso carnal. Evágrio Pôntico adverte: “Somente quando a sexualidade é integrada

por meio de uma vida religiosa é que a espiritualidade se torna realmente viva” (GRÜN, 2014, p. 74).

A *cobiça* é a ambição por posses. O desejo de possuir é propriamente humano. O monge quer possuir a tranquilidade, a pureza de coração, uma vida em Deus. Estas são vontades saudáveis que integram o ser humano. Contudo, à medida que o monge direciona sua ânsia de possuir os bens materiais, surgem certas complicações. Ele se tornará eternamente insatisfeito, pois as riquezas não preenchem a ânsia do homem por Deus. Além disso, ele corre o risco de tornar-se dependente das coisas do mundo e, por conseguinte, acaba sendo dominado pelas posses. O verdadeiro tesouro a ser buscado está dentro do homem. É um tesouro único, incomparável e essencial: Deus. Portanto, é este que o monge deve buscar a todo instante.

A *tristeza* aparece quando o homem se frustra diante de seus desejos ou ainda quando o monge se recorda dos tempos de outrora e permanece preso afetiva e emocionalmente ao passado. Esse sentimento atrapalha o amadurecimento humano e é designado por Evágrio Pôntico como estéril para o crescimento e aprofundamento espiritual, posto que a fuga do presente por parte do monge, leva-o a não assumir as tarefas atuais, a ascese e seu compromisso com Deus. O eremita supera a tristeza quando se afasta da dependência do mundo, se desprende daquilo a que está preso e quando se liberta interiormente.

A *cólera* é um vício muito perigoso e astuto. O monge que cede ao demônio causador dela entra num estado de agressão incontrolável. Ele consegue pensar apenas na ferida gerada ou na pessoa que lhe agrediu. Isso o atrapalha no desenvolvimento espiritual devido à dificuldade de se concentrar nas diversas atividades de sua rotina, principalmente na oração:

A cólera é a mais forte das paixões. Com efeito, diz-se que é um a ebulição da parte irascível da alma e uma indignação contra quem lhe fez algum ultraje ou contra quem se presume que o tenha feito. Ela deixa a alma da pessoa furiosa o dia inteiro, mas é, sobretudo na hora da oração que ela domina a mente, com a imagem do rosto que a contristou (EVÁGRIO apud GRÜN, 2014, p. 77).

No intuito de afastar o demônio da cólera, o monge precisa distanciar-se dos sentimentos de ira e rancor e refletir sobre eles. Dessa maneira, será possível afastar de si a pessoa que lhe feriu.

O demônio mais perigoso, porém, é o da *acídia* (BERTONI, 2018). Segundo Anselm Grün, este demônio corrompe o monge interiormente: “A acídia é a incapacidade de fazer-se presente no momento atual. Não se tem apetite para o trabalho nem para a oração. Nem mesmo para saborear o não fazer nada. Pois sempre se está com os pensamentos num outro lugar” (GRÜN, 2014, p. 79). É propriamente uma fuga da realidade. O monge que sofre deste vício sente um enorme vazio espiritual e não percebe mais sentido naquilo que faz. Seu desejo é desistir do essencial e se aventurar naquilo que nunca saciará sua sede de significado. Para vencê-lo, o eremita deve exercitar a constância, isto é, suportar a cela e seu estado espiritual inquieto e perseverar na oração, buscando na Palavra de Deus trechos que o fortaleça e o ilumine em cada tropeço, momento de dor e de agitação.

A *vanglória* é extremamente perigosa. Ela é estimulada quando o monge já alcançou diversas vitórias contra os vícios e paixões, já mencionados anteriormente. Quando o eremita se apresenta como um ser espiritual exteriormente, o demônio aproveita para atacar seu coração gerando vaidade e orgulho. Desse modo, o monge é incitado a considerar-se melhor que os outros ou de ser merecedor de tudo aquilo que já conquistou. Neste momento, Deus deixa de ser o princípio de sua caminhada espiritual. Para combater este demônio, o monge deve evitar tudo o que pode colocá-lo em destaque e acima dos outros. Ademais, todas as atividades precisam ser cumpridas tendo em vista unicamente a glória de Deus. Por conseguinte, não haverá espaço para a vanglória e para a vaidade.

Por fim, a *soberba* “seduz o monge a não procurar em Deus a razão de suas ações virtuosas, mas apenas em si mesmo” (GRÜN, 2014, p. 81). O soberbo é orgulhoso. Sente-se perfeito e modelo ideal de monge. Contudo, seu coração está tomado de vícios e paixões. Na verdade, o habitante do deserto, neste estado, está espiritualmente cego. Não consegue enxergar seus defeitos e imperfeições. Não é capaz de encarar a verdade de si mesmo. Isso atrapalha o monge desmedidamente no caminho para a

pureza de coração, pois ele não conseguirá perceber a presença dos demônios em seu interior a fim de vencê-los.

A vitória sobre a soberba dá-se através de duas vias: pela recordação e pela contemplação. A recordação auxilia o monge a perceber que é passível de erro e também que todas as vitórias tidas em sua vida espiritual não aconteceram apenas mediante seu esforço, mas de forma mais intensa, pelo auxílio da graça divina. Deus é o protagonista no triunfo do monge sobre os demônios. Além disso, pela contemplação, ou seja, quando o eremita se une a Deus numa experiência profunda de oração, não terá mais valor o que as pessoas pensam dele, pois a verdadeira aprovação virá de Deus mesmo.

João Cassiano afirma a importância do mestre espiritual nesta caminhada na busca pelas coisas divinas. O vício possui força somente enquanto está oculto, escondido e agindo inconscientemente no interior do monge. Todavia, ao ser encontrado, ao sair da escuridão para a luz, ele perde sua potência e é combatido com certa facilidade. Dessa maneira, o eremita, com a ajuda de seu mestre espiritual, consegue expor os vícios que o atormentam e, à medida que o faz, consegue a distância necessária para ocupar-se com eles com liberdade e assim vencê-los. A partir disso, é possível ao monge experimentar a paz interior.

Todavia, é necessária a certeza de que os demônios realmente foram vencidos. A convivência com os semelhantes serve como um grande alerta para o monge medir o quão presente e atuante ainda está determinado vício em sua vida espiritual. A raiva ou a ira, por exemplo, nunca são causadas prioritariamente pelo outro. O indivíduo que as sente possui também sua parcela de participação. Na verdade, muito provavelmente ele ainda não conseguiu desenvolver maximamente a humildade, um dos pilares da vida espiritual eremítica e, por isso, deixou-se abater pelos comentários dos companheiros que ainda não estão no mesmo estágio espiritual. Dessa forma, a convivência torna-se um dos fatores essenciais para se medir o quanto os vícios ainda habitam o interior do monge. João Cassiano exprime-se nestes termos:

Quando nós, que vivemos na solidão, acolhemos a vinda ou até mesmo a mais breve estada de irmãos com determinado receio e coração agitado,

então sabemos que o estopim da impaciência ainda é bastante forte em nós. Por outro lado, quando esperamos impacientemente a chegada de um irmão e eis que ele, por alguma razão, se atrasa, mesmo que apenas a silenciosa indignação de nosso coração faça resvalar a culpa disso à sua lentidão, e a excitação de uma exagerada expectativa desnorteie nossa mente, a perscrutação de nossa consciência mostrará que os vícios da ira e da tristeza ainda habitam muito bem em nós (CASSIANO apud GRÜN, 2016, p. 42).

Quando o monge não dispõe dessa convivência periodicamente, assumindo um estilo de vida, ele consegue medir como anda sua batalha com os vícios no trato com as coisas. Se, ao queimar a mão no fogo, o monge sentir resquícios de ira e raiva, é bem provável que estes vícios ainda façam morada em seu coração.

O contato com o outro, portanto, possibilita ao monge o autoconhecimento e a revelação de qual nível espiritual este se encontra de modo a encorajá-lo a progredir interiormente na cura dos vícios ainda existentes. Contudo, este processo acontece somente pelo exercício da oração constante. Só a partir dela o monge enxergará que tal ocorrido está fazendo com que enxergue a cura para o vício que lhe assola. Caso contrário, a ira e a raiva se presentificarão no monge instantaneamente. É o que diz João Cassiano: “À medida que falo com Cristo sobre o irmão que me faz sofrer, descubro o próprio Cristo que me faz sofrer a fim de curar-me de meu orgulho. Sem esse relacionamento orante com o irmão, a única coisa que o insulto desperta é minha ira” (GRÜN, 2016, p. 50).

Dessa forma, João Cassiano concorda com Evágrio Pôntico quando este afirma o aspecto positivo do vício e da tentação. Eles não servem como obstáculos para a vida espiritual, mas sim como auxílios. Através das tentações é possível amadurecer espiritualmente, fortalecer-se para futuros combates, perceber a graça de Deus que age no decorrer da batalha contra os vícios e descobrir aspectos de Deus até então desconhecidos. “O monge não deve deixar-se levar ao desespero pelas tentações, mas na verdade combatê-las; mas *‘das contradições [deve] forjar para si as armas da paciência para o exercício da virtude’*” (GRÜN, 2016, p. 54).

A natureza das virtudes e a caridade como virtude mais excelente

João Cassiano desenvolveu também uma teoria das virtudes, mas infelizmente não será desenvolvida aqui. Uma vida virtuosa e íntegra é o que assemelha o homem a Deus e as virtudes são dons doados por sua misericórdia, bondade e amor a seus filhos. Assim como se ocupou com os vícios, João Cassiano enumerou as principais virtudes pelas quais todas as outras são geradas. São elas a imutabilidade, *apatheia*, caridade, discrição, humildade, renúncia, obediência, compunção, paciência, amizade, castidade e impecabilidade.

Como já foi dito, todas são dons de Deus. Contudo, cabe ao homem acolher a graça recebida e fazer com que ela frutifique e se multiplique. Vanderlei Bueno da Silva destaca: “Deus dá a plenitude ao homem à medida de sua colaboração. [...] para a aquisição das virtudes, o esforço é bem menor que o que se deve empregar para eliminar, libertar-se dos vícios” (SILVA, 2014, p. 130).

Dessa maneira, a batalha mais cansativa é a do combate aos vícios e, por isso, a oração e o trabalho são tão importantes na vida dos monges. Uma mente ocupada não dá brechas a pensamentos malignos e pecaminosos. Esses dois fatores combinados a remédios certos e muito esforço extinguem os vícios enquanto desenvolvem as virtudes necessárias para se chegar à pureza de coração e, assim, o monge é capaz de exteriorizar a bondade, o amor e a caridade.

A caridade é intensamente trabalhada por João Cassiano. Segundo ele, esta virtude é a que mais assemelha o ser humano a Deus. O monge, movido por ela, vive unicamente para Deus. Suas ações e palavras são voltadas exclusivamente para o louvor e a glória de Deus.

A caridade pode ser praticada e desenvolvida de duas formas. Primeiramente, pelas obras de misericórdia, ou seja, através da ajuda solidária aos mais necessitados. João Cassiano, porém, salienta que esta forma não passa de uma maneira indireta e passageira de conhecer Deus e de amá-lo, já que esse gesto está preso ao tempo, ao espaço e a circunstâncias terrestres. Ela ajuda a apagar muitos pecados e a garantir a vida eterna. Contudo, no mundo dos eleitos, essa prática não terá mais sentido, dado que lá não haverá mais nenhum necessitado.

A outra forma de prática da caridade dá-se através da oração e do convívio pessoal com Deus. Esta sim possibilita um conhecimento direto de Deus e de seu amor e ela será plenificada na contemplação definitiva em Deus. Com isso é possível afirmar que a segunda prática possui um grau de importância maior se comparada com a primeira, uma vez que “a caridade e contemplação seriam como uma antecipação da vida eterna, uma realidade do Reino de Deus” (SILVA, 2014, p. 133).

A perfeição da caridade, portanto, evidencia o cume do exercício das virtudes e da extinção dos vícios de forma que esta faz com que o monge conheça a Deus, permaneça nele, no seu amor e persevere na observância de seus mandamentos.

O aperfeiçoamento do monge pela oração

A oração incessante é essencial e indispensável para que o monge avance no caminho espiritual rumo à pureza de coração. Ela proporciona uma força inesgotável para a luta contra os demônios, resistência diante da ascese e proporciona experiências místicas impensáveis e extraordinárias. Em seu estudo sobre João Cassiano, Vanderlei Bueno da Silva observa: “A oração é uma preocupação de nosso autor que afirma que a perfeição do monge vem dessa prática contínua de encontro com Deus” (SILVA, 2014, p. 145).

No livro *O caminho do coração*, Henri Nouwen apresenta uma discussão preliminar acerca da definição do termo oração, segundo a espiritualidade dos padres e madres do deserto. Para ele, a expressão “ora sempre” significa “vem repousar” (NOUWEN, 2014, p. 65-70). Trata-se de um repouso ou união em Deus, sentimento de pertença, restabelecimento, restauração. Rezando incessantemente, o monge interioriza uma armadura espiritual capaz de derrotar o mais forte dos inimigos.

Diante dessa temática, uma pergunta deve ser feita: como rezar incessantemente? Ou ainda, como o monge deve rezar mais propriamente a fim de se aperfeiçoar cada vez mais?

Primeiramente, é necessário desconstruir a ideia de que rezar é estritamente dialogar ou falar com Deus. Esta definição é um tanto

problemática, pois à medida que se pede algo a Deus, a resposta é aguardada ansiosamente. Contudo, com o passar do tempo, a impressão do orante será de que, na verdade, está num monólogo e Deus não está atento ao que ele pede ou diz diariamente. O interesse pela oração, deste modo, pode se enfraquecer ou mesmo deixar de existir.

Outro sentido um tanto difundido e errôneo é de que a oração é um pensar em Deus. Fixar o pensamento nos mistérios divinos pode levar o orante a alcançar descobertas sempre novas em relação a Deus. Todavia, como o intelecto humano é limitado, chegará a um momento em que não será mais possível constatar novos conceitos sobre Deus e a motivação para a oração poderá cessar. Diante disso, será mais interessante analisar e compreender outros assuntos cuja cognoscibilidade será ainda maior.

Por fim, a aceção melhor indicada por Henri Nouwen e que interessa à nossa abordagem é da oração como aquela prece que brota do coração:

A crise de nossa vida de oração é de que nossa mente pode estar repleta de ideias sobre Deus, enquanto nosso coração permanece longe dele. A verdadeira oração vem do coração e é a respeito desta que os padres do deserto nos instruem (NOUWEN, 2014, p. 71).

Quando a oração encontra morada no coração do monge, as palavras divinas meditadas presentificam seu ser de tal modo que a todo instante elas são trazidas à mente. Dessa maneira, ao alimentar-se, o monge recorda-se da antífona rezada, nos trabalhos, ela reaparece e, por fim, no repouso, surpreendentemente, ela perpassa seus pensamentos. Podemos ler a este respeito em João Cassiano: “A alma, deixando-se absorver assim por essa pureza, e restaurada segundo um modelo angélico e espiritual, passará a transformar todas as suas impressões, todos os seus atos em puríssima e verdadeira oração” (CASSIANO, 2006, p. 50).

João Cassiano recomenda diversas vezes que se reze diariamente o seguinte versículo: “Ó Deus, vinde em meu auxílio. Senhor, apressai-vos em socorrer-me!” (Sl 69,2) (CASSIANO, 2008b, p. 89-93). Diante das dificuldades, o monge rapidamente se lembrará de que Deus é Pai e, por isso, cuidará de suas feridas e sofrimentos. Por conseguinte, a presença de Deus será sentida por ele ininterruptamente. É isso a que se refere João

Cassiano quando fala de oração incessante. Esta alcançou verdadeiramente o coração de modo a refletir em todos os atos na vida do monge.

As exigências espirituais para uma oração eficaz

João Cassiano preocupa-se intensamente com os instantes anteriores à oração uma vez que tudo aquilo que ocorre antes dela influenciará o momento em que o monge a realiza e os efeitos recebidos mediante sua prática: “De fato, a alma, na oração, orienta-se a partir do estado precedente, ou seja, apresentando-se-nos ante os olhos, à maneira de prelúdio, a nós prostrados para a oração, a imagem dos atos, das palavras ou dos sentimentos tidos anteriormente” (CASSIANO, 2008b, p. 19). Ele é enfático ao demonstrar a insuficiência da boa vontade do monge em praticá-la. Assim, faz-se necessária toda uma preparação interior e exterior.

Aquietar o espírito, abrir o coração para acolher cuidadosamente todas as sementes que serão lançadas por Deus, desprender-se dos problemas mundanos, dos maus pensamentos, das feridas e de tudo aquilo que possa atormentar a alma são algumas orientações dadas pelos monges. O importante é concentrar-se totalmente em Deus, permitir ser totalmente em Deus e dar total atenção a ele, pois quando a alma se desencilha de todos os pesos e fardos recebidos, ela chega às alturas celestes e invisíveis com o mais leve sopro de meditação. Assim sendo, o monge é capaz de saborear a presença das presenças, o grande amor de sua vida e restabelecer suas energias para seguir sua caminhada na busca da pureza de seu coração.

Alcançando a primordial leveza espiritual, o monge deve seguir o seguinte preceito evangélico: “Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á” (Mt 6,6). Essa prática ocorre quando o monge afasta de seu coração qualquer preocupação ou ruído que perturbe sua alma e também ao apresentar, em profundo silêncio interior, suas preces a Deus. Isso permitirá que o orante sinta instantaneamente a presença única de Deus e independentemente de onde esteja, os únicos a se relacionarem naquele momento agradabilíssimo são o monge e Deus.

Enfim, para João Cassiano, a oração deve ser breve, frequente e silenciosa, uma vez que ao se prolongar demasiadamente, o monge pode abrir brechas para que o inimigo introduza coisas vãs em seu coração. É importante destacar que a duração não influencia diretamente na qualidade da oração. Uma alma pura une-se rapidamente a Deus e permite que ele introduza grandes graças e virtudes em seu coração. O grande propósito da oração consiste no pleno repouso em Deus e é nisso que consiste sua excelência!

A mobilidade da alma e as diferentes formas de oração

João Cassiano desenvolve ainda uma reflexão aprofundada sobre a natureza da oração. Segundo ele, a oração não é monótona, nem sempre é feita da mesma forma ou sentida de um mesmo jeito pelo monge.

A forma de rezar depende muito do grau de pureza da alma e do estado em que o monge se encontra no momento da oração. Os sentimentos influenciam profundamente o modo do eremita se colocar diante de Deus. Dessa maneira, num mesmo dia, o monge pode rezar de formas variadas dependendo de sua disposição interior e de sua caminhada espiritual, conforme podemos ler no próprio João Cassiano:

A oração não é a mesma, se vivemos num estado de euforia por uma vida espiritual realizada, ou se estamos passando por violentas tentações; não é igual se imploramos o perdão de nossas faltas ou se pedimos uma graça, uma virtude, ou a cura de um vício; não é idêntica se nos achamos comungidos pelo pensamento do inferno e o medo do julgamento, ou se nos encontramos cheios de fervor pela esperança e o desejo dos bens eternos; será diferente se nos sentimos inundados pela revelação dos mistérios celestes ou paralisados pela esterilidade na virtude e a aridez de pensamentos (CASSIANO, 2006, p. 52).

São quatro as principais formas de oração citadas por João Cassiano, baseando-se nos escritos do Apóstolo Paulo: “Recomendo-vos, antes de tudo, que se façam súplicas, promessas (orações votivas), intercessões e ações de graças” (1Tm 2,1). Entretanto, elas não são as únicas, sendo

apenas as mais comuns. Embora existam incontáveis maneiras de rezar, vamos nos ater aqui às principais formas de rezar citadas pelo Apóstolo Paulo.

A *súplica* apresenta-se como a prece do pecador que, tocado pela compunção, pede perdão pelas faltas cometidas no passado e no presente. É própria àqueles que estão iniciando a caminhada espiritual rumo à pureza de coração uma vez que estão presos aos vícios e às paixões.

Quanto à *promessa*, João Cassiano afirma ser o ato pelo qual o monge oferece ou promete algo a Deus. Em certos momentos, é necessário que ele prometa algumas coisas a Deus, a fim de se comprometer de forma mais intensa com sua purificação espiritual, levando em conta que toda promessa feita a Deus deve ser efetivada: “Se fizeres uma promessa ao Senhor, não tardes a cumpri-la” (Ecl 5,3). Contudo, caso o monge se vir incapaz de executar algo que ele pleiteia prometer a Deus, é melhor não fazê-lo: “Melhor é não fazer votos do que fazê-los e não cumpri-los” (CASSIANO, 2006, p. 55).

Intercessões são preces feitas em favor de outras pessoas ou mesmo em favor do mundo. Ela é própria de monges cheios de fervor, os quais já se encontram num certo nível espiritual. Neste estágio, eles sentem a necessidade de ajudar os irmãos de cenóbio ou pessoas queridas a crescerem na fé e no caminho rumo à perfeição, pois já conseguem contemplar os bens futuros e visualizar alguns frutos recebidos mediante seus esforços e por graça divina. Por isso, rezam por eles.

Já a *ação de graças* é própria de almas mais elevadas. Nesta fase da vida espiritual, o monge sente a necessidade de agradecer e louvar a Deus pela caminhada já feita e pelas graças recebidas no decorrer do tempo. Muitos vícios foram derrotados e diversas virtudes foram adquiridas. A paz interior ganha constância e durabilidade. Deste modo, os motivos para glorificar a Deus são incontáveis. Ademais, o monge é invadido por uma grande alegria, dado que enxerga claramente as recompensas futuras reservadas para ele.

De acordo com João Cassiano, o monge deve praticar o tipo de oração que o incentive intensamente a desejar os bens futuros e a almejar com ardor a extinção dos vícios e a prática das virtudes, especialmente a caridade. Ora ele fará súplicas, ora ação de graças. Num nível maior de

pureza espiritual isso ficará ainda mais evidente, pois haverá um constante entrelaçamento de diferentes espécies de preces num único momento.

A oração do Pai-nosso como a prece mais perfeita e sublime

Os quatro tipos de oração citados anteriormente são fontes fecundas e levam o monge a fazer preces cheias de fervor, as quais em certas ocasiões elevam a alma para os céus, unindo-a a Deus por um instante de forma tão extraordinária e misteriosa que, ao retornar à consciência, o monge não consegue exprimir com palavras a experiência vivida, nem mesmo recordá-la. Trata-se da contemplação única de Deus, a prece mais perfeita e sublime existente.

João Cassiano indica uma fórmula apropriada para recordar ao monge a importância de perseverar na caminhada espiritual em busca da referida oração. Esta é o Pai-nosso: “A fórmula do *Pai-nosso* não nos deixa dúvida de que para nós constitui-se um dever buscar com empenho esse estado de oração” (CASSIANO, 2006, p. 59; CASSIANO, 2008b, p. 40-42).

Através da recitação da oração que o próprio Cristo deixou aos seres humanos, o monge relembra sua condição de filho de Deus e não mais de servo. Desse modo, sua verdadeira casa não é a terra, mas a morada celeste, onde o Pai vive e reina. A atual habitação é apenas um exílio passageiro. Nela, o monge deve buscar estritamente os bens eternos, tendo em vista que somente estes serão acompanhados para a vida futura. Os bens efêmeros devem ser tratados como tal, utilizados apenas como instrumentos para alcançar os imperecíveis.

Enquanto filho de Deus, o monge deve santificar seu nome através de seus atos, ações e palavras. O testemunho, o respeito e a vivência da vontade divina são fundamentais para demonstrar a natureza celeste do monge bem como sua filiação divina. Uma vida virtuosa de fé é capaz de transformar o coração das pessoas, levando-as à conversão. É missão do filho atrair os olhares dos irmãos para que santifiquem e respeitem o nome de Deus. Com isso, virá até eles o reino prometido por Cristo dado que, estando com os corações purificados, poderão preenchê-los das virtudes e, a partir disso, instaurar a justiça e a paz na terra.

Ao pedir que seja feita a vontade de Deus, assim na terra como no céu, o monge deseja ardentemente que os seres humanos sejam fiéis seguidores dos mandamentos de Deus, assim como o fazem os anjos. O monge entrega-se nas mãos de Deus e permite que ele seja o Senhor de sua vida e de sua história. É a confiança total de quem sabe que Deus cuida carinhosamente do ser humano e providencia o necessário para viver dignamente.

João Cassiano explica ainda que a expressão “o pão nosso de cada dia nos dai hoje” determina a essencialidade do alimento espiritual diário. Aquele que deixa de se alimentar, acaba padecendo fisicamente. Do mesmo modo, o homem interior requer suprimentos específicos. Sem eles, a alma enfraquece e rapidamente é abatida por doenças, vícios e demônios. O sustento espiritual é fundamental para perseverar na ascese. João Cassiano escreve a este respeito: “Não há um só dia em que não precisemos comer este pão, a fim de revigorar o coração do nosso homem interior” (CASSIANO, 2006, p. 63; CASSIANO, 2008b, p. 45).

“Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (Mt 6,12). O perdão e a misericórdia são imprescindíveis ao monge. A prática de tão grandes virtudes revela um coração puro, leve e compassivo. É um dos grandes sinais de que a caminhada espiritual já transformou o interior do monge (CASSIANO, 2008b, p. 46-47).

Além disso, deve o monge estar atento ao poder das palavras ditas. Ao proclamar tal prece, sela-se um compromisso com Deus. Ele é fiel e pede ao monge a mesma fidelidade. O julgamento final será realizado de acordo com a vivência e a prática da misericórdia. Em outras palavras, Deus será um juiz rígido e severo com aqueles que perdoaram pouco e amoroso com aqueles que viveram compassivamente.

Por fim, na petição “não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal” (Mt 6,13), o monge não aspira a que as tentações e males sejam extintos de sua vida, mas que diante deles tenha força para vencê-los. A grande dádiva será a perseverança no caminho do bem e da pureza e o eremita sabe da importância da graça de Deus para tal. Por isso, então, clama incessantemente pela força e graça divinas (CASSIANO, 2008b, p. 48).

Segundo João Cassiano, portanto, nada mais se deveria pedir além daquilo que se encontra na fórmula do Pai-nosso. Todas as reais necessidades

do monge já estão contidas nesta oração. Suplicar bens efêmeros é pedir mal. Deus não atenderá tais solicitações e com certeza se entristecerá por perceber que seu filho permanece preso às coisas do mundo.

Assim sendo, o Pai-nosso contém a plenitude da perfeição e pode levar o monge a um estado de oração ainda mais sublime do que o mencionado anteriormente. Esta transcende todo o sentimento, ultrapassa toda linguagem humana e, infundida pela luz do céu, a alma do monge se eleva até Deus, unificando-se e experimentando tantas coisas neste instante que não podem ser ditas após o restabelecimento de sua consciência.

A busca pela pureza do coração

É sabido que a contemplação recebe muitos nomes nas obras de João Cassiano. Os principais são oração de fogo, oração do coração, oração perfeita e caridade perfeita. Sua finalidade é a “visão” de Deus. “Ver” Deus, para João Cassiano, é ouvi-lo. Enquanto essa experiência plena não é permitida na condição imanente, Deus manifesta-se através de sua criação e conversa com os homens através das “maravilhas que ele opera na história de salvação do criado e, sobretudo do homem, a quem fez a promessa de adotá-lo como filho” (SILVA, 2014, p. 143).

O monge, na busca pela pureza de coração, constrói um edifício espiritual cujos alicerces são a humildade e a discrição. Através de um trabalho ascético fundamentado na oração, nas práticas de mortificação corporal e nos exercícios para educar o pensamento e a alma, o eremita atinge o objetivo de extinguir os vícios e desenvolver as virtudes. Isso culmina numa extraordinária leveza do espírito do monge e experiências místicas inimagináveis são vivenciadas por ele especialmente pela oração do coração.

Esta é obra do espírito humano, atividade intelectual. Todavia, a dimensão corporal do homem também participa dessa experiência através dos sentimentos e dos sentidos, ou seja, a afetividade humana traz uma profundidade própria a essa vivência tão especial e importante para a vida mística.

Ademais, João Cassiano expõe objetivamente a natureza desta prece tão sublime nestes termos:

Não se vincula essa oração à consideração de qualquer imagem, nem se expressa através de palavras ou de sons, mas se lança um fluxo ardente da alma, por um transporte insaciável do espírito. Arrebatada para fora dos sentidos e de toda a matéria visível, a alma se eleva até Deus com gemidos inefáveis e ardentes suspiros (CASSIANO, 2006, p. 98).

João Cassiano define a oração de fogo como aquela cheia de “preces muito fervorosas e ardentes” (CASSIANO, 2008b, p. 35). O sentido da vida do habitante do deserto transforma-se num constante louvor a Deus. Sua vida, atos, palavras e escolhas são voltadas a ele. Tudo exala Deus, pois a perfeição é encontrada na entrega ao divino. Louvar é sacrificar-se como resposta ao sacrifício de Deus pela humanidade.

O balbucio e o silêncio são a expressão máxima da oração. Aquele que experimenta este estágio não tem poder sobre as próprias palavras e, em certo sentido, profere-as sem controle. Ao perder este poder sobre si, revela-se a ação de uma força superior que vem de Deus. João Cassiano diz que essas orações são:

[...] inefáveis preces de puríssimo ardor, as quais o próprio Espírito Santo, interpondo-se sem que nós saibamos, dirige para Deus com gemidos inefáveis: são tão elevados os sentimentos que ela, nesse momento, experimenta e inefavelmente derrama na oração, que é incapaz, noutra ocasião, já não digo de exprimi-los pela boca, mas até mesmo de revivê-los na memória (CASSIANO, 2008b, p. 36).

João Cassiano está convencido de que a persistência na oração é o caminho para se chegar ao louvor supremo ou à oração do coração. A finalidade desta busca é a união com Deus e a purificação do coração. Além disso, externará as virtudes recebidas e desenvolvidas na ascese pelo convívio com todos que procuram a Deus. Será um homem de Deus, um verdadeiro seguidor de Jesus Cristo.

Considerações finais

Quando um monge se esforça por alcançar a pureza de coração, os efeitos são visíveis. O monge, por exemplo, deixa de julgar os seus confrades. Uma vez que a pessoa se conhece e sabe de suas fraquezas e limitações, deixa de criar juízo do pecado dos irmãos a fim de ajudá-los na cura destes por meio da bondade e da misericórdia. Além disso, a vitória sobre os demônios, vícios e paixões torna o monge forte e corajoso. Nada mais traz medo ao eremita, nem mesmo as feras selvagens, uma vez que foi capaz de enfrentar inimigos muito mais perigosos.

Ademais, o monge torna-se sereno e cheio de paz interior. Nenhuma situação ou pessoa o abala. Ele conhece e aceita seus limites. Numa palavra: é humilde! “Uma vez que o monge já nada mais quer para si, as coisas deste mundo já não o podem irritar. Tendo se desprendido, está tranquilo. Tendo abandonado o mundo e a si mesmo, pode encontrar em Deus sua serenidade e segurança, e uma profunda paz” (GRÜN, 2016, p. 76).

O monge puro de coração é capaz de ser médico de outras almas, pois sabe exatamente como os demônios agem e como as doenças espirituais assolam aqueles que estão nos estágios iniciais da vida interior. Enfim, o eremita que purificou seu coração testemunha exteriormente através de seus gestos, palavras e ações aquele que habita plenamente seu interior: Deus (GRÜN, 2006).

O sentido da vida do monge está relacionado principalmente à prática da oração e do trabalho, está ciente que ambos colaboram imensamente no crescimento e amadurecimento espiritual e proporcionam experiências maravilhosas e inesquecíveis junto de Deus. O essencial, contudo, é o enfrentamento de si mesmo. O eremita deve indispensavelmente olhar para si com os olhos da alma. Deve buscar autoconhecer-se e encarar em si mesmo os defeitos, as feridas, os sofrimentos bem como as virtudes e realizações (GRÜN, 2009).

Neste caminho, as pessoas conseguirão encontrar Deus, amigos fiéis e tesouros imprescindíveis como o amor, a fraternidade, a misericórdia, o perdão e a paz. Ademais, enfrentando os vícios e as feridas, os seres humanos encontrarão a cura e o repouso no Senhor de suas vidas. E, por fim, praticando a oração do coração, se tornarão soldados do amor

e seguidores leais de Cristo, pois irão perceber que foram criados tão somente para amar.

Eis o convite: repousar em Deus! Segundo Henri Nouwen: “Quando encontramos o nosso repouso em Deus, não fazemos nada além de ministrar, ele será visível aonde quer que vamos e por quem quer que encontremos” (NOUWEN, 2014, p. 87).

Mesmo que vivamos numa outra época, entendemos que a natureza humana não muda fundamentalmente. Assim, como filhos do nosso tempo, somos convidados a fazermos a experiência da *pureza de coração e a caridade perfeita* à nossa maneira (NOUWEN, 2001). Assim, talvez muitas infelicidades e depressões seriam evitadas se seguissem as orientações dos monges do passado. Muito mais que um caminho estritamente para monges, a mística apresenta modos pelas quais podemos nos tornar capazes de percorrer novas vias, cujo fim é uma vida plena de sentido. Enfim, uma vida que realmente vale a pena ser vivida.

Referências

- BERTONI, G. *Acídia: vírus que mata o amor*. São Paulo: Paulus, 2018.
- BORRIELO, L. *Dicionário de mística*. Trad. Benoni Lemos. São Paulo: Paulus, 2003.
- GRÜN, A. *No ritmo dos monges: convivência com o tempo, um bem valioso*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GRÜN, A. *Os padres do deserto: temas e textos*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GRÜN, A. *O céu começa em você: A sabedoria dos padres do deserto para hoje*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GRÜN, A. *Pureza de coração: caminhos para a busca de Deus no antigo monaquismo*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- JOÃO CASSIANO. *Conferências*. Vol. I. Juiz de Fora: Subiaco, 2011.
- JOÃO CASSIANO. *Conferências*. Vol. II. Juiz de Fora: Subiaco, 2006.
- JOÃO CASSIANO. *Conferências*. Vol. III. Juiz de Fora: Subiaco, 2008a.

JOÃO CASSIANO. *Da oração*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.

LACARRIÈRE, J. *Padres do deserto: homens embriagados de Deus*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

LELOUP, J.-Y. *Escritos sobre o hesicasmos: Uma tradição contemplativa esquecida*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MCGINN, B. *As fundações da mística: das origens ao século V*. Tomo I: A presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental. São Paulo: Paulus, 2012.

NOUWEN, H. J. M. *A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo: o caminho do coração*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

NOUWEN, H. *O caminho do coração: a espiritualidade dos padres e madres do deserto*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, V. B. da. *A ascese nas conferências de João Cassiano: Fundamento para um discipulado florescente*. Dissertação (Mestrado em Teologia) — Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2014.

Recebido: 28/09/2017

Received: 09/28/2017

Aprovado: 11/03/2019

Approved: 03/11/2019